



## REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Aline da Fonseca Barros <sup>1</sup>  
Laís Silva Campos <sup>2</sup>  
Jonas Alves da Silva Júnior <sup>3</sup>

### RESUMO

No presente artigo, buscamos colocar em foco as questões de gênero e sexualidades observadas pelos professores nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. Para tal nos respaldamos em estudos acadêmicos que abordam o tema, nas observações e questionários aplicados em professores de Educação Física que atuam com este segmento escolar. Em virtude da quantidade crescente e da complexidade das reflexões sobre as sexualidades humanas, que transitam por vários olhares e deflagram debates, ao mesmo tempo que fomentam silêncios, buscamos entender como as aulas de Educação Física no Ensino Médio se desdobram no universo de gênero e sexualidades, visto que a adolescência é um marco significativo para as vivências relacionadas a estas questões.

**Palavras-chave:** Gênero; Sexualidades; Educação Física; Ensino Médio.

### INTRODUÇÃO

As reflexões sobre as questões de gênero e sexualidades vem ganhando força nas últimas décadas dentro do meio acadêmico, porém as ações que realmente levem ao debate e a valorização da diversidade são tímidas e por vezes nulas no ambiente escolar. Embora os primeiros movimentos feministas já baseassem seus esforços para reivindicar a paridade das mulheres frente aos homens nos direitos civis, onde as mesmas passaram a buscar seus espaços no mercado de trabalho e o direito a decidir sobre o seu corpo, na atualidade ainda nos deparamos com grandes entraves referente a sociedade machista e patriarcal sob a qual fomos constituídos por anos e anos.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRRJ, [alinefbarrosprofessora@gmail.com](mailto:alinefbarrosprofessora@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- UFRRJ [laiscamposufrj@hotmail.com](mailto:laiscamposufrj@hotmail.com);

<sup>3</sup> Pós -Doutorado em Educação pela USP, docente do Departamento de Educação e Sociedade da UFRRJ, [jonasjr@ufrj.br](mailto:jonasjr@ufrj.br)



Como bem se sabe, as relações de dominação e submissão na realidade das mulheres vão muito além da esfera doméstica. O que nos faz refletir sobre os possíveis espaços de discussão e debate sobre o enfrentamento necessário a essas questões, e a escola é um importante local de vivências e possibilidades.

Acreditamos assim, que a linguagem corporal em destaque nas aulas de Educação Física pode nos demonstrar os caminhos que esses adolescentes e seus professores estão trilhando frente às inquietações e transformações tão pertinentes a esta faixa etária e as reflexões que estão sendo feitas ou que deveriam estar sendo feitas em relação às questões de gênero.

O espaço escolar é permeado por diversidades, valores, espaços, diálogos e possibilidades, que tornam o cotidiano um engendramento de relações sociais, onde as sexualidades são constituídas, desenvolvidas, compartilhadas e muitas das vezes punidas por enquadramentos sociais obsoletos, porém intitulados como padrão. Dentro dessa perspectiva, as aulas de Educação Física tornam-se o momento onde os corpos, até então aprisionados nas salas de aulas, podem usufruir de liberdade de expressão e de emoção.

Por este motivo resolvemos observar a rotina das aulas de Educação Física e a organização dos professores desta disciplina frente às demandas referentes a gênero e sexualidades, dos adolescentes que participam das suas aulas no Ensino Médio. A possibilidade de trabalho através da cultura corporal, o ensino da construção de valores baseada no respeito com o outro, os interesses nas diferentes práticas corporais, as relações conflituosas e as organizações entre discentes e docentes para vivenciar tudo isso.

O eixo do trabalho, foram as pesquisas com os professores de Educação Física que atuam no Ensino Médio, tanto em rede de ensino privadas como na rede de ensino pública do município do Rio de Janeiro. Através das respostas destes professores, buscamos as relações entre a prática e os embasamentos teóricos que versam sobre os tópicos abordados, buscando analisar a relação de gênero que se estabelece neste momento escolar, onde acreditamos ser uma possibilidade múltipla para discutir e aprofundar essas nuances, refletir sobre as relações sociais, as relações entre gêneros, sexualidades, assim como as questões que envolvem as masculinidades e feminilidades.

O método de pesquisa do qual nos apropriamos para o respectivo trabalho, foi qualitativo, utilizando questionários semiestruturados e pesquisa documental. Os questionários foram analisados e dialogam com os referências teóricas.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento desta pesquisa optamos por uma pesquisa qualitativa, pois esse tipo de pesquisa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, o que se encaixa na nossa realidade do cotidiano escolar, local permeado por subentendimentos complexos demais para serem aferidos quantitativamente.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nesse sentido buscamos conhecer, significar e compreender as situações vivenciadas nas aulas de Educação Física do Ensino Médio, em busca de compreensão e da significação que ela tem dentro desses espaços educativos como potencializadora ou não da propagação dos trabalhos com gênero e sexualidades.

Trabalhamos com questionários semiestruturados, contendo nove perguntas sobre o universo das aulas de Educação Física e os trabalhos desenvolvidos no âmbito de gênero e sexualidades. Os questionários foram respondidos nos meses de julho e agosto. Foram contactados professores tanto da rede pública de ensino, quanto de redes privadas, todos professores e professoras que lecionam no Ensino Médio, com a disciplina Educação Física.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **1. Quadro Teórico: Conceituação de Gênero, Sexualidades e Educação Física**

#### **1.1 Gênero**

Por mais que os estudos sobre o tema gênero estejam em crescimento, parece haver um distanciamento dessas teorias à prática escolar. Entender como a construção social e cultural perpetua os nossos papéis dentro de uma sociedade, é imprescindível para a mudança de padrões que são “ditos” como imutáveis. Que menina nunca escutou alguma frase que definia o que ela deveria fazer por ser menina?

Segundo Louro (2003), através das feministas anglo-saxãs o termo gênero passa a ser usado como diferente de sexo, dirigindo o foco de como ser mulher ou homem para a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. Essas concepções de gênero não diferem somente entre sociedades e momentos históricos, como em diversos grupos (religiosos, raciais, de classe, étnicos) que a constituem.

O termo gênero passa a ser debatido de forma a se distinguir o biológico do social, pelo movimento feminista no século XX, movimento que lutava contra as diferenças existentes entre homens e mulheres na época. Guacira Louro (2003), ao refletir sobre gênero e sexualidades, afirma que a relação entre poder-saber construiu significações em que a anatomia do corpo e o discurso sobre essa anatomia formularam padrões de feminino e masculino em oposição binária, com fronteiras bem definidas e vigiadas.

Existem e existiram definições sociais, morais e legais que orientam e orientaram padrões de gênero na sociedade, essas organizações trazem um padrão de objetos, gestos e atitudes que são definidos como masculino ou feminino. No educar do feminino e do masculino podemos ver essa transmissão hábitos, preferências e posturas.

E, nesse sentido, praticamente, todo movimento corporal é distinto para os dois sexos: o andar balançando os quadris é assumido como feminino, enquanto dos homens espera-se um caminhar mais firme (palavra que no dicionário vem associada a seguro, ereto, resoluto - expressões muito masculinas e positivas), o uso das mãos [...], o posicionamento das pernas ao sentar, enfim, muitas posturas e movimentos são marcados, programados, para um e para outro sexo. (Louro 1992, p. 58-59)

Essa dicotomia baseada em aspectos biológicos, pênis/vagina, vão se espalhando e definindo socialmente outras divisões, força/fraqueza, controle/descontrole, independência/dependência, vício/virtude, produção/reprodução, superioridade/inferioridade, e tantas outras que classificam os que fogem a regra como anormais.

## 1.2 Sexualidades



É muito comum que exista dúvidas em relação às definições de gênero e de sexualidades, a última inclusive recentemente vem sendo sempre sendo citada no plural, pela concepção de multiplicidades que carrega. Atualmente, a sexualidade humana é definida como uma dimensão biológica produzida no contexto social, cultural e histórico, no qual o sujeito se encontra inserido (Carvalho, Rodrigues & Medrado, 2005).

O debate sobre sexualidades vai muito além de questões inatas, meramente biológicas ou proposições físicas somente. O conceito de sexualidades tem em sua essência, crenças, valores, trocas, relações construídas e reconstruídas, vivenciadas de forma histórico-social. Nesse sentido é importante argumentar e debater sobre as questões sociais e políticas que abarcam as sexualidades, Foucault (1993) trata deste conceito denominando “o corpo e seus prazeres”, concebendo uma relação de poder ao sujeito, através da sexualidade e do corpo, uma vez que o corpo passa a produzir sentido.

Dessa forma é extremamente importante o envolvimento dos docentes com essas questões, pois na escola e principalmente nas aulas de Educação Física onde o espaço para debate e levantamento de questões pertinentes ao desenvolvimento das sexualidades se faz propício para fundamentar reflexões sobre diversidades e as “verdades impostas” sobre esse tema.

São necessários esforços contínuos, debates, estudos e abertura de diálogos com esses jovens, para que não se repita uma geração de pessoas com a sexualidade reprimida e não de fato vivida. Uma educação para compreensão das sexualidades e não para negação desta.

Socialmente os adolescentes são considerados imaturos, confusos e assexuados, enquanto, na verdade estão atravessando os espaços de descobertas, escolhas, possibilidades, oportunidades, anseios e tantas formações que por muitas vezes, por comodidade são abarcados no campo da invisibilidade, onde o debate não é feito por possibilitar muitos questionamentos que alterem a ordem social imposta.

Vaz, salienta que:

Vivemos um paradoxo cotidiano quando nos expressamos em relação ao corpo e suas expressões nos ambientes educacionais. O corpo é, por excelência, o órgão das paixões, dos desejos, do cansaço, das dores, da preguiça, das fortes e fracas emoções, da fome, da sede, das vontades fisiológicas, das muitas pulsões, enfim, em uma palavra, do descontrole. Nesse sentido, faz parte do imaginário educacional a ideia de que o corpo deve ser educado, disciplinado, que não devem poupar esforços no sentido de colocá-lo na linha, na retidão dos bons costumes, do autocontrole. (VAZ, 2002, p.3)

Se partimos da compreensão que as sexualidades, estão para além do sexo (referência biológica), das capacidades reprodutivas e do foro íntimo, não podemos compactuar com esta visão de adolescente assexuado, pois as ideologias, os afetos, as identidades e os comportamentos sexuais vão compor essas sexualidades, que se alocam aos espaços de socialização e vivência desses adolescentes, muitas vezes imbricadas nas relações de poder e disputa.

### 1.3 Educação Física

No cotidiano escolar, a Educação Física é uma disciplina que gera muito furor e situações que expõe os corpos. Quando falamos desses corpos, eles são definidos como “um constructo histórico e cultural que, longe de ser inquestionável, é um território de onde e para onde emergem sempre outras e novas dúvidas, questionamentos, incertezas e inquietações (GOELLNER, 2003).

De acordo com Saraiva (2002, p. 2)

Os estudos que encaminham para a compreensão desta história de diferenciação entre a prática de alunos e de alunas, na educação física brasileira começaram a se delinear no final dos anos oitenta, com pesquisas apoiadas teoricamente nos estudos sobre a mulher, que por sua vez, tiveram seu apoio nos estudos desenvolvidos, especialmente, pela Antropologia e História, em décadas anteriores, tratando do problema da estereotipia e dos papéis sociais diferenciados para os sexos. A preocupação central desses estudos, impulsionados, primeiramente, pelos movimentos feministas, é marcada pelo interesse no desvelamento de relações de poder entre masculino e feminino, que sempre existiram em detrimento do valor social da mulher.

De que forma a Educação Física está aliada a construção desses corpos? Como os corpos femininos e masculinos se manifestam nas aulas? Será que esses corpos são expostos de forma diferente na Educação Física? Como os professores podem contribuir para uma mudança efetiva de pensamento e comportamento em relação ao tema gênero e sexualidades?

Quando observamos uma aula prática de Educação Física no Ensino Médio, podemos perceber padrões que se repetem: meninos jogando futebol e muitas meninas observando do lado de fora. Ao que parece a quadra se torna um espaço de dominação masculina, onde cabe as meninas o ato de torcer, de ser coadjuvante. De acordo com Goellner (2011), os esportes são considerados como uma prática viril, e aquela menina que tem mais habilidade e um perfil mais agressivo nos jogos, acaba tendo sua imagem associada a homossexualidade, podendo assim restringir a aderência e permanência em certos esportes.

Muitas meninas gostam de esportes, gostam das aulas práticas, porém se veem em uma situação de desvantagem e acabam anulando a sua vontade naquele espaço, pois já está subentendido que a quadra é de monopólio masculino.

Aprofundando no conceito histórico das atividades corporais e esportivas, a ginástica, os esportes e as lutas não eram recomendadas às mulheres, pois por ser considerado como o sexo frágil, essas práticas poderiam ser prejudiciais à natureza das mulheres. Essas máximas eram pautadas em explicações biológicas, na fragilidade e na preservação da maternidade sadia (GOELLNER, 2013).

Por anos vemos a reprodução de discursos que acabam por limitar os espaços que mulheres devem ocupar, principalmente se tratando de esportes e práticas esportivas. Ao reconhecer o nosso papel como educadores, com foco em uma consciência reflexiva, crítica e livre de preconceitos, devemos estimular a prática de uma Educação Física que propicie experiências em igualdade de gêneros. Não se trata de anular as diferenças, mas de entender que dentro delas há um leque de possibilidades e que seu gênero não deve determinar o que fazer, como e onde fazer.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de agora iniciaremos as discussões baseadas nos resultados dos questionários respondidos pelos professores. No questionário haviam nove perguntas, relacionando a prática escolar, suas reflexões e dificuldades com as manifestações sobre gênero e sexualidade, tendo sido respondido por nove professores. A primeira pergunta foi em relação à proporção dos meninos e meninas nas turmas de EF do EM desses professores, qual dos gêneros predominava, seguindo os resultados na tabela abaixo:

<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>
Meninas	2
Meninos	4
Depende/Meio a meio	2

Das oito respostas, a maioria alegou ter mais meninos em suas turmas do que meninas. A segunda pergunta foi sobre a participação nas aulas práticas, se havia uma igualdade entre os gêneros ou não. Na tabela dois segue o resultado dessa questão:

<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>
Não	6
Sim	2
Eles participam mais	2

Na maioria das respostas, podemos observar que não há uma igualdade de gênero na participação das aulas, sendo que dois professores ainda justificaram alegando que os “os meninos participam mais”. Essa tabela corrobora com parte do referencial teórico que expõe um histórico de baixo incentivo às mulheres à prática de esportes, sendo ainda considerado um número inferior em diversas modalidades. Quando observamos essa situação sob a ótica escolar, podemos repensar o quanto esses discursos refletem até hoje nas aulas.

Na terceira questão quisemos saber sobre as dificuldades e desafios que esses professores enfrentam nas suas aulas no Ensino Médio. A tabela abaixo expõe o que os professores mais citaram nas respostas:

<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>
Participação das meninas	3
Indisciplina	2
Falta de estrutura/materiais	2
Indisposição para as aulas práticas	1
Propor atividades que todos se identifiquem	1

Como podemos ver, segundo a resposta dos interlocutores, existem mais meninos nas suas turmas de Educação Física, elas participam menos e isso foi citado como uma das dificuldades enfrentadas pelos mesmos. A estrutura pode afetar diretamente no planejamento e diminuir ainda mais a aderência, como expõe uma das falas no questionário: *“Isso complica por exemplo quando a aula é no meio do dia e eles ainda tem outras aulas depois, pois a grade não contempla tempo para banho. As meninas nunca fazem prática para não ficarem fedendo depois”*.

Seguimos para a quarta pergunta, que consistiu em saber as manifestações de masculinidade e feminilidade por parte dos (das) alunos (as) nas suas aulas:

<b>Categorias</b>	<b>Frequência</b>
Meninos se acham superiores/impedem meninas de jogar/intimidação	3
Futebol é coisa de menino	1
Turmas brigam por espaço da quadra	1
Palavrões, sexualidade	1
Meninos se organizam melhor	1



Em momentos de competição	1
---------------------------	---

Mais de uma vez apareceu a relação de manifestação de masculinidade aos meninos se considerarem superiores, intimidando ou impedindo a liberdade e autonomia das meninas e dos considerados mais fracos. Para Bourdieu (2018), o “princípio de perpetuação dessa dominação ocorre também em instâncias como a Escola e o Estado”, sendo esse um tema muito importante de levar à reflexão, principalmente no EM.

Na quinta pergunta, foi indagado: quais atividades/conteúdos você acredita que as alunas/os alunos gostam mais em suas aulas? Por quê?

<b>Categorias</b>	<b>Frequência</b>
Jogos mistos/competições/atividades lúdicas	5
Futebol para meninos/dança para meninas	1
Conteúdos sobre o corpo humano	1
Atividades de corrida	1

Embora os resultados mostrem uma participação inferior por parte das meninas, certas atividades parecem mostrar possibilidades de intervenções para proporcionar equidade de acesso e de estímulo à prática, como os jogos mistos, competições que englobem ambos os gêneros ou atividades lúdicas.

Sobre a questão da sexualidade, uma das falas chamou a atenção sobre a homofobia nas aulas de Educação Física: “*Os meninos não gostam dos gays jogando com eles. Achem que tem que jogar com as meninas.*” É de conhecimento de todos (as) que dentro das escolas acontecem diversos processos de formação e de discriminação. É de suma importância que os professores estejam atentos a essas situações discriminatórias para intervir de forma positiva. O cuidado para não negligenciar esses casos é necessário para debater e erradicar o preconceito.

A sexta pergunta foi como o (a) professor (a) percebe o seu papel na construção do interesse dos alunos/alunas nas atividades/conteúdos das suas aulas?

<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>
Auxiliadora, mediadora e motivadora	2
Através de dinamismo/autenticidade	2
Conteúdos são pré-estabelecidos	1
Professor deve conhecer os sonhos dos alunos e orientá-los	1
Interessados/curiosos	1
Seleção dos conteúdos com relevância social	1

De fato em todas as respostas xs professorxs compreendem a importância deles no processo de construção de interesse dessas atividades, sinalizando para o papel diferenciado que um planejamento voltado para uma abordagem que respeite as diferenças é necessário para abarcar todxs xs alunxs em suas aulas, sem a necessidade de fazer concessões com a exclusão.

Segundo Moreno (1999), efetivar uma educação não-sexista perpassa os muros das escolas e deve estar em consonância na sociedade inteira, mas na escola esse trabalho pode ser transformador. O corpo docente deve estar consciente e entender a importância do tema, bem como realizar trabalhos nas turmas sobre a imagem e os papéis de mulheres e homens nas sociedades.

A pergunta sete indagou aos professorxs sobre as experiências positivas e negativas em trabalhar com turmas mistas. Podemos ver os resultados logo abaixo:

<b>Categorias</b>	<b>Frequência</b>
Respeito às diferenças/socialização entre os gêneros/quebrar paradigma de superioridade masculina	4
Não há experiência negativa	2
Meninos usando a força bruta para intimidar meninas e mais fracos	1
Não há experiência positiva/melhor separar por sexo	1
Conhecimento do corpo um do outro	1

Na maioria das respostas sinalizaram os benefícios de se trabalhar com os dois gêneros, sendo que em algumas respostas não houve consideração negativa em turmas mistas. O que ainda causou estranhamento foi em uma das respostas ser citado que a divisão seria a melhor opção nas aulas de Educação Física.

Na questão oito, xs professorxs foram questionadxs se existe um domínio masculino nas escolhas de atividades e ocupação dos espaços onde ocorrem as aulas de EF. E se sim, que tipo de intervenção seria viável para proporcionar a equidade entre os gêneros?

<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>
Sim	7
Não	1
Evitar separar a turma/dialogar	2
Dividir a quadra	2
Acordos democráticos e com opinião de ambos	2

os gêneros/coeducação e diversidade	
As meninas tem que se impor mais	1

Podemos perceber um alto índice de respostas positivas quanto ao domínio masculino nas aulas de EF do EM. Sobre as formas de intervenção, a maioria mostrou achar viável um diálogo aberto, uma construção democrática, bem como utilizar como uma estratégia dividir a quadra entre meninos e meninas.

Chegamos à última pergunta, que consistiu em saber se ocorreu (ou ocorre) alguma situação marcante com relação a esses temas (gênero, domínio masculino e sexualidade) em suas aulas?

Categorias	Frequência
Sim	5
Não	3

Dentro das respostas positivas, algumas falas são importantes de se destacar. Uma professora respondeu:

*Ocorreu em turma do ensino médio, duas meninas queriam jogar futebol e as restantes da turma não. Não completava os dois times e as coloquei para jogar com os meninos que reclamaram, mas cederam e respeitaram depois do meu discurso e jogam até hoje, tiram time as incluindo.*

Essa exposição traz uma crítica importante sobre xs professorxs trazerem uma reflexão sobre o tema, proporcionar acesso as meninas em determinada modalidade e mostrar que os gêneros podem jogar juntos. Se os meninos tivessem reclamado e fosse deixado passar essa situação, será que nessa turma as meninas estariam jogando?

Em contraposição ao relato acima, segue outro relato de um professor:

*Eu tinha uma aluna que jogava muito futebol e ela acabou convencendo as outras a jogarem também. Os meninos não queriam jogar com as meninas porque elas não sabiam e com essa porque não queriam passar vergonha.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou trazer à tona alguns apontamentos e reflexões acerca do tema gênero e sexualidades nas aulas de Educação Física do Ensino. Questões como dificuldade em participação feminina e indisciplina ainda permeiam as aulas desses professores. Encontramos dados em que foi relatado preconceito por parte de alguns meninos em relação aos alunos

homossexuais, mostrando necessária uma abordagem mais efetiva sobre o tema afim de proporcionar reflexões e desmitificar padrões e preconceitos.

A maioria dos professores consegue perceber o seu papel como educador e facilitador nas abordagens sobre o tema sobre sexualidades e gênero. Mesmo que uma parcela mínima, houve professor que não considera nenhuma vantagem em se trabalhar com turmas mistas, enquanto a maioria se mostrou interessada em trabalhar em uma coeducação, afim de estimular o respeito às diferenças e limitações de cada gênero.

Mesmo com todos os avanços e debates sobre a necessidade de se trabalhar com turmas mistas e o questionamento sobre domínio masculino nos espaços esportivos, há uma baixa aderência das meninas nas aulas práticas. Devemos refletir até que ponto o avanço da teoria está andando de mãos dadas com a prática, se no cotidiano escolar está sendo estimulado de fato uma EF inclusiva, não só para as mulheres e homossexuais, assim como os considerados fora dos padrões dominantes, que historicamente sempre receberam méritos pelas habilidades estimuladas nas práticas esportivas.



BOURDIEU, P. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica.** Tradução: Maria Helena Kühner. 6 ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2018.

CARVALHO, A. M., RODRIGUES, C. S., & MEDRADO, K. S. (2005). Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. **Estudos de Psicologia**, 10(3),377-384.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GOELLNER, S. **A produção cultural do corpo.** In: LOURO, G. L; FELIPE, J; GOELLNER, S (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade:** Um debate contemporâneo na Educação. Petrópolis: Vozes 2003. P. 30-42.

GOELLNER, S.V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade.** Caderno de formação RBCE, p.71-83, mar./2010

LOURO, G. L. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. In: **Teoria e Educação**, n. 6. Porto Alegre, 1992, p. 53-67.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. Guacira Lopes Louro – Petrópolis, RJ, Vozes, 2003. p. 14-36.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina.** Editora da Unicamp. São Paulo, 1999. 80 p. 80.

SARAIVA, M. do C. **Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer?** Motrivivência, v.13, n. 19, p. 79-85, 2002.

VAZ, A. (2002). **“Aspectos, contradições e mal-entendidos da educação do corpo e a infância”.** Revista Motrivivência, ano XIII, n. 19, dez.